

DA AUTORA BEST-SELLER

CRIS GUERRA

FUNDO


DO POÇO

O LUGAR MAIS

VISITADO DO

MUNDO

notas de viagem

 Editora Melhoramentos

CRIS GUERRA
FUNDO
DO POÇO
O LUGAR MAIS
VISITADO DO
MUNDO

notas de viagem

 Editora **Melhoramentos**

Sumário

[Prefácio](#)

[Receba as minhas boas-vindas](#)

[City tour](#)

[O lugar mais visitado do mundo](#)

[Sobre aprender a viajar](#)

[O que me credencia como guia desta viagem?](#)

[Como é que eu vou sair daqui?](#)

[Rua sem saída](#)

[Oásis](#)

[Relaxe, você não está no controle](#)

[Cataratas](#)

[Viagem solitária](#)

[Quando a dor encontra a poesia](#)

[Voos diários para o Fundo do Poço](#)

[Galeria da dor](#)

[Garçonnière](#)

[Fonte dos desejos](#)

[Roda de samba](#)

[Ciranda da falta](#)

[Teatro do riso](#)

[Porto Entrega](#)

[Monumento à pedra e ao martelo](#)

[Instruções para colocar a máscara de oxigênio](#)

Calçada da fama

Cartório de Fundo do Poço

Um lugar na arquibancada

Pelos provadores do Fundo do Poço

Aula de fotografia

Monumento aos Heróis da Desistência

A língua do silêncio

Dores recicláveis

Museu de esculturas vivas

Academia do amor-próprio

O barzinho que fica em frente à academia

Sala de des-espera

Viagem ao simples

Fotos de viagem

Parque dos cães e gatos

Palavras a serem evitadas no Fundo do Poço –

e em qualquer outro lugar

Não, em todas as línguas

Labirinto das caixas

Imprevistos de viagem

Ritual das taças

Rua Solitude

Porcelanas *kintsugi*

Loja de miniaturas

Morrer muitas vezes

Ilha solteira

Leve pra casa um souvenir de matrioska

Casa de câmbio

Mirante da Ampulheta

Lago salgado

Menu de travesseiros

Praça do enquanto

Sorria, você não está sendo filmado

De volta para casa

A fantástica fábrica de limonada

Sobre a autora

Créditos

PRESENTIMENTO

A persiana quebrou, o chuveiro
queimou, o gás acabou.

O dinheiro faz tempo que já
não há.

E hoje a campanha foi
reprovada pela terceira vez.

Sinto que alguma coisa muito
boa está para acontecer.

- *Cris Guerra*

Prefácio

Era um domingo qualquer quando recebi uma mensagem da Cris pelo Instagram, dizendo que tinha lido uma matéria que contava um pouco da minha história. Eu estava sentada exatamente na mesma cadeira onde estou agora.

Meus filhos riam de mim porque eu dizia: “Gente, a Cris Guerra tá conversando comigo!”; “Gente, ela tá respondendo!”; “Gente, tá virando um bate-papo!”. De lá pra cá, a conversa não parou mais. Já rimos, choramos, dançamos, desabafamos e desabamos juntas.

Sinto uma alegria enorme por chamar essa mulher de amiga. Me sinto em casa com ela. Ela é aquela pessoa que, até mesmo por uma mensagem de voz, faz você se sentir como se estivesse tomando um café ou um vinho em sua companhia.

Talvez a gente se entenda tão bem por termos uma história parecida (muitas perdas em um curto espaço de tempo). Ou, talvez, simplesmente por ela ser uma pessoa que todo

mundo deveria ter a oportunidade de conhecer.

Eu e Cris perdemos os maridos precocemente.

Gui se foi, subitamente, quando a Cris estava grávida de 7 meses do Fran. Ela pariu uma criança linda, ao mesmo tempo que a dor do luto paria uma outra mulher. Eu perdi o Marden, repentinamente, quando meus filhos tinham 5 e 10 anos. Uma morte trágica, por suicídio, mas que também me mostraria uma força e um potencial que eu desconhecia.

Eu e Cris perdemos o chão, o nosso presente e o futuro que imaginávamos que teríamos. Fomos de novo para um lugar que já conhecíamos: o Fundo do Poço. Mas naquele momento parecia que o fundo não tinha fim.

Passados vários anos, ainda temos o costume de ir para lá. Não por escolha, mas porque entendemos que esse lugar faz parte da vida. E não adianta querer fugir dele, pois muito podemos aprender durante esses momentos obscuros e de dor.

Nunca me esqueci de algo que escutei da Cris: “Quando o pior acontece com a gente, criamos uma força e uma coragem de quem não tem mais nada a perder”. E assim nos

transformamos. O “Para quê?” toma o lugar do “Por quê?”. Enquanto esse último nos coloca em posição de vítima, o primeiro nos ajuda a encontrar uma oportunidade de mudança e entendimento de um propósito maior de vida.

Cris transformou sua dor em livros, palestras, colunas de revistas, moda e num exemplo lindo, vivo e bem-humorado de que é possível viver bem, apesar de tantas perdas. Eu transmutei meu sofrimento quando entendi que poderia ajudar pessoas em seus processos de luto, ao me tornar especialista em suicídio, comportamentos autolesivos, luto e cuidados paliativos.

Cris e eu tivemos de ser fortes. Não havia outra opção. Tínhamos filhos para criar. Que bom! Escolhemos seguir vivendo, em lugar de morrer junto com os nossos amores. Nossas perdas ensinaram que a vida é agora e precisa fazer sentido. Que o luto não precisa ser só dor. A alegria pode fazer parte do processo.

Assim nos tornamos mais conscientes e questionadoras, fazendo escolhas pertinentes sobre quem somos e quem queremos nos tornar.

Cris e eu sabemos o que é amar e o que é sofrer. E reconhecemos também o nosso

legítimo direito de ser felizes. Mães solos,
mães possíveis, mulheres inteiras.

Te amo, Cris. Obrigada por habitar a minha
vida.

LUCIANA ROCHA, psicóloga e
psicoterapeuta do luto

Receba as minhas boas-vindas

Eu sei que foi um luto que trouxe você aqui. Pode ter sido a perda de uma pessoa muito amada ou o fim de um relacionamento. Pode ser um momento delicado da saúde – física ou financeira. Pode ser a morte de um futuro que parecia certo. A morte de uma sociedade, de um plano, uma carreira, um projeto. De uma forma ou de outra, este é um livro sobre o luto. Sobre morrer e renascer.

E, não se preocupe, ninguém faz as malas antes de vir. Cedo ou tarde, durante a viagem, todos se veem nus diante de seus medos, suas imperfeições e suas vulnerabilidades.

Esqueça aquela história de que no Fundo do Poço tem uma mola. Sair antes da hora só vai servir para que você volte pra lá. Não há voo previsto para decolar do Fundo do Poço tão cedo. Então, por que a pressa? Puxe uma cadeira e aproveite.

Eu tenho uma razão muito forte para escrever este livro. Jamais imaginei ser capaz

de transformar dor em alegria, mas isso aconteceu comigo e eu preciso dizer a você que é possível.

Neste livro compartilho alguns aprendizados que trouxe de acontecimentos transformadores na minha vida – vale lembrar que meus relatos não competem com os seus, e vice-versa. Não tenho a pretensão de evitar a sua dor, pelo contrário. Quero é colocar luz sobre o que ela é capaz de ensinar a você. Posso dizer que minhas percepções, a cada uma das minhas viagens ao Fundo do Poço, me ajudaram a fazer as pazes com esse destino que faz parte da vida. E assim ficou mais fácil seguir em frente.

Espero, de verdade, que cada página seja uma companhia de viagem, um alento e um incentivo pra você voltar melhor.

City tour

Não espere por fórmulas prontas ao ler este livro. Eu acredito em aprendizados pessoais, e não em fórmulas. Nasci num tempo em que saber as coisas demandava abrir um jornal, um livro ou um volume da enciclopédia. De terno e gravata, os vendedores da Barsa eram recebidos pela família na sala de visitas. O sofá virava auditório para aplaudir o ritual de abertura de um arsenal de conhecimento, ao nosso alcance em suaves prestações. Nas pesquisas para a escola, encontrar o tema no índice era uma alegria infantil tão intensa quanto demorada. O livro dos meus sonhos era *Como fazer todas as coisas*.

Hoje, diante de uma eventual oscilação do sinal de Wi-Fi, roemos as unhas de tédio. Em troca da agilidade nos roubaram o encanto: o grande sonho desse mundo de excessos é voltar a sonhar. A era digital quebrou paradigmas, mas nos acostumou muito mal. Queremos o tutorial de tudo, e pra ontem. Como descascar a cebola sem chorar. Como

dar um nó numa haste de cereja com a língua. Como fazer um drone caseiro. Como dominar o mundo. Cursos on-line ensinam saúde, felicidade e equilíbrio em 12 módulos, parcelados em 10 vezes sem juros. Tudo isso, sem sair de casa. Tentando eliminar o imprevisto, o tempo do “como” jogou fora a intuição. A paciência escorreu pelo ralo. E ainda não inventaram tutorial que nos ensine a lidar com a frustração.

A informação ao alcance dos dedos deixou de ser desejo e virou perigo. A Barsa fica uma prateleira abaixo da farsa, cuja coleção está bem na altura dos nossos olhos. E se é um privilégio assistir a essa transição de era e participar dela, sorte mesmo é ter senso crítico para contemplar o absurdo e despertar dele. Mais do que a busca pelo sucesso a qualquer preço, o que cansa são as fórmulas. O excesso de virtualização das coisas traz uma vida asséptica, que não suja as mãos e não oferece riscos – nem o de uma eventual queda de um livro pesado sobre os pés. O verdadeiro perigo é desconectar-se da bússola que trazemos no peito.

Durante o trajeto, não deixe para trás a sua intuição. Siga do seu jeito, guardando o que

fizer sentido pra você.
Boa viagem e boa leitura.

No meio da pedra
tinha um caminho.

O lugar mais visitado do mundo

Faz alguns anos que a França é o país mais visitado do mundo. Mas a cidade mais visitada do mundo não é Paris. No momento em que escrevo, a última pesquisa dá conta de que a cidade mais visitada do mundo é Hong Kong, na China. Discordo. Não é Paris, não é Hong Kong. Já estive em Paris algumas vezes, mas talvez eu tenha ido mais vezes para o Fundo do Poço. Conhece? Eu sabia. Pois é ele o lugar mais visitado do mundo. Aquele lugar da tristeza profunda, que dói quase fisicamente e nos deixa com um aperto no peito, de que medicamento algum dá conta.

Como ninguém admite ter estado lá, o lugar não aparece no Google. Não há quem poste uma foto nas redes sociais em um restaurante famoso do Fundo do Poço. No mundo dos sorrisos falsos e dos enquadramentos perfeitos, o destino não gera curtidas nem comentários. O engajamento é pífio. Mas pode apostar: o que não falta é gente postando nas

redes os mais belos cenários quando, na verdade, se você ativar o localizador, vai ver que estão lá mesmo, no Fundo do Poço.

Nem sempre você sabe como foi parar ali. E jamais imagina achar paisagens interessantes justamente nesse lugar. Não vai render boas fotos. Estar no Fundo do Poço costuma ser motivo para se sentir ainda mais no fundo do poço. De modo que o único desejo de quem está lá é sair o mais rápido possível. O lugar da tristeza costuma ser também o lugar da culpa. Não aprendemos a aceitar que os momentos difíceis requerem um pouso e um tempo. E essa culpa nos coloca num ponto ainda mais escuro – se é que isso seja possível.

Mas existem relatos de pessoas que, depois de vivenciarem a tristeza, aprenderam a colocar mais sentido em cada momento, a olhar a vida com mais poesia. São pessoas que enxergaram esse momento como uma oportunidade de aprendizado. Sou uma delas.

Meu período mais longo no Fundo do Poço começou em plena gravidez. Tive de dar um jeito de tornar o passeio interessante, até porque eu tinha companhia. Portanto, arrumei nosso quartinho por ali, com vista privilegiada para aquela paisagem silenciosa

e um tanto bucólica. Decidi dar voz à minha tristeza e encarar a viagem sem medo, até pra poder vivenciar a minha alegria, que tinha ido junto com o meu filho. Visitei museus e pontos turísticos, ouvi histórias reveladoras. E publiquei meus relatos de lá mesmo – acredite, no Fundo do Poço tem Wi-Fi. Postei foto sorrindo, mas também falei da tristeza, duas pontas de uma mesma linha. E as pessoas reconheciam aquele lugar, e a gente trocava experiências. Surpreendentemente, a viagem foi ficando interessante. Quando vi, estava fazendo o caminho de volta e nem percebi. Preferi olhar a paisagem pra não perder nenhum detalhe. Voltei com uma bagagem que apurou meu olhar pra vida e um aprendizado: o problema não é ir para o Fundo do Poço, o problema é ir e não voltar melhor da viagem.

Silencioso e solitário, sim. Mas com uma vista incrível para o céu. Esse lugar quer algo de nós. Melhor respirar e não ter pressa. Trocar de roupa, calçar um tênis e sair pra conhecer esse destino que tem vista privilegiada para dentro de nós mesmos. Não tenha pressa, aproveite a viagem. Um dia você acorda e descobre que já não está mais lá.

Nas horas tristes, filho, não
diga nada.
Coloque um silêncio bem alto
no aparelho de som.
E comece a escrever bem
baixinho.
(Chorar até que pode, desde
que não lhe embace a vista.)
Só não pare: tristeza é pra
escrever.
Tome posse dessa dor que é
toda sua.
Até que passe e venha outra
mais bonita.

Sobre aprender a viajar

Nunca fui daquelas pessoas com rodinhas nos pés. Apesar de sentir uma alegria imensa ao conhecer novos lugares, por muito tempo eu não tomava a iniciativa de fazer uma viagem. Viajar demanda planejar, investir, fazer roteiros e, claro, saber esperar. E eu era imediatista demais pra isso. O que para uns é liberdade, para outros é travessia.

Viajar é soma de esperas – pelo embarque, pela decolagem, para sair do avião quando ele pousa. Sem contar o trajeto em si. No desafio de aceitar o que não depende de mim, faço um alongamento da paciência, compensado pelas surpresas que me esperam – ou não – no destino. Nas melhores viagens, a expectativa vai apertada no bagageiro. Quanto menos espaço pra ela, melhor.

Uma das minhas viagens inesquecíveis foi um presente-surpresa de um namorado. Ele me ligou pela manhã, convidando para uma ida a Buenos Aires naquela noite. A despeito do momento delicado por que passava a relação, o passeio foi um sucesso. Além do destino delicioso, houve pouco espaço para a expectativa, já que nem precisei aguardar o dia da partida.

Ironicamente, a vida se encarregou de me levar a lugares indesejados, sem que eu precisasse comprar a passagem. Travessias emocionais me ensinaram que centenas de quilômetros são mais fáceis de transpor do que distâncias misteriosas entre sofrimento e paz. E foi essa bagagem que me trouxe a oportunidade de viajar como palestrante pelo Brasil. Até me ver fazendo três viagens semanais a trabalho, como se tivesse nascido pra isso.

Foi viajando que compreendi: o segredo de viajar bem é aprender a me fazer casa. Preparo uma mala de mão com o essencial, levo um bom fone, escolho a melhor playlist. Enfeito o trajeto para que ele me acolha. E assim me faço confortável em qualquer sala de embarque ou poltrona. Puxo conversa com o passageiro ao lado pra tirar férias do meu enredo. Hoje eu me

desloco com certa facilidade e não tenho dúvida: qualquer destino sobre a face da Terra está ao meu alcance.

Viajar é se permitir. Você tira férias de casa, da rotina, até da sua condição financeira. Permite-se refeições mais caras, compra presentes, abre espaço para o incomum. Tudo assume um sabor de “agora ou nunca”. O que nos leva ao aspecto mais revelador sobre o viajar: é um tremendo exercício de humildade.

Saio do meu porto seguro e, além das malas, levo minha vulnerabilidade. Vou para um lugar que conheço pouco ou nada, onde não tenho amigos e onde posso eventualmente perder bagagem, documentos, dinheiro – a probabilidade de isso acontecer é relativamente pequena, mas bastam algumas histórias contadas pelos amigos para constatar que todo viajante costuma colocar na mala um bocado de sorte.

Se no dia a dia tenho um *closet* lotado, durante a viagem aprendo a otimizar o que coube na mala. Me entrego aos cuidados de outrem, com uma confiança e uma tranquilidade que não fazem parte do cotidiano. Não tenho constrangimento em pedir ajuda e normalmente sou bem recebida pelo nativo – há um certo acordo tácito prevendo credulidade de um lado e condescendência de outro. Aprendo a distinguir o essencial, o que importa. Ajusto a dimensão e o valor das coisas. E, acima de tudo, aceito que não será possível controlar tudo. E faço tudo isso por escolha.

A verdade é que não é possível viajar sem uma porção de entrega e confiança. Ao sair da segurança rumo ao desconhecido, levo também uma fé no ser humano. E ainda tenho a alegria de voltar pra casa, com o olhar renovado sobre o trivial.

Viajar renova, recicla, transforma, atualiza, nos torna mais vivos. Agora eu pergunto: por que não trazemos esses aprendizados para a vida cotidiana?

Dadas essas reflexões, quero dizer a você que o lugar da tristeza tem o seu percurso. Quando você abandona a postura de fuga, esquece da pressa de voltar e se distrai com as descobertas no caminho. Nem todas as viagens são escolhidas, mas você pode fazer o seu melhor para tornar o trajeto mais agradável. O

exercício de humildade que a vida lhe pede nesse momento pode ser transformador se você o receber de braços abertos.

O medo. A coragem. Os desejos, os sonhos, as dúvidas, as dores. Os fantasmas. Tudo isso são nossos companheiros de viagem, e eles nos acompanham sempre. Não espere o tempo em que não houver medo para aprender a viver. Esse tempo nunca chegará. E talvez seja para aprender com eles, nossos companheiros, que você viaja.

Este não é um livro sobre como sair do Fundo do Poço. É sobre saber viver enquanto você está lá. E sobre, eventualmente, gostar de passar um período ali. Sobre aprender que o medo, a coragem, os desejos, os sonhos, as dores, as dúvidas e os fantasmas são companheiros de viagem. Sobre não esperar o tempo em que não houver medo pra começar a viver. É sobre a vida ser viagem, e não chegada.

Ter medo é sempre
mais confortável.
Imagina que trabalho
descobrir o tamanho
do seu poder.

O que me credencia como guia desta viagem?

Bom, eu já estive nesse lugar diversas vezes e posso dizer que aprendi a conhecê-lo. Ao longo deste livro eu vou contar algumas passagens que explicam melhor a minha relação com o Fundo do Poço. Mas houve uma visita que se tornou um divisor de águas na minha vida e que acabou transformando a minha visão sobre esse lugar e sobre o que podemos fazer da vida depois de passar por ele. Você está com tempo?

Minha avó perdeu o marido aos 23 anos, com duas filhas e esperando a terceira. Sempre me impressionou o fato de minha mãe não ter conhecido o próprio pai. Minha avó paterna se casou com o viúvo da irmã. Viveu até os 95 anos com o entusiasmo de uma criança. Sou bem parecida com ela, também costumo rir de mim mesma e sinto que vou viver muito. Tomara.

Minha mãe era uma mistura de força e doçura. Meu pai falava pouco. A voz era grossa. Tiveram cinco filhos, dos quais sou a caçula temporã. Brinquei sozinha e sozinha tive que desbravar alguns caminhos. Aos 55 anos, minha mãe morreu de câncer. Pra mim foi mais difícil conviver com os dois anos de doença do que com a morte. Com a ida de quem fazia a ponte entre nós, eu e meu pai finalmente nos conhecemos.

Nosso tempo foi pouco: ele se casou de novo, depois descobriu um câncer, ficou dois anos em tratamento. Sete anos depois da Mamãe, foi do meu pai que me despedi.

Eu me casei com um cara muito diferente de mim. Engravidei logo, mas tive um aborto em seguida. Engravidei de novo, perdi de novo. Passamos um ano obcecados por uma nova gravidez. Éramos uma combinação infeliz: juntos, tínhamos o pior um do outro. O casamento durou dois anos e meio. Já esqueci as coisas ruins. O aprendizado, não.

Mas um novo amor veio de onde eu nunca poderia imaginar. Um abraço a cada manhã no trabalho. Era assim a nossa amizade.

Está certo que eu gostava do cheiro dele, da temperatura do seu corpo. Mas nunca parei pra pensar nisso. Precisou um verão, uma pista de dança, nós dois rodeados para só termos olhos um para o outro. E isso fez uma revolução em mim. “É tudo verdade”, ele me escreveu no dia seguinte. O primeiro de uma série de e-mails trocados no trabalho, um de frente para o outro, separados (ou unidos?) pelos computadores.

Em pouco tempo, vi crescer dentro de mim um amor que não cabia. Eu tinha uma urgência de viver tudo, inteira, intensamente. Sentia um medo inexplicável de que ele fosse embora de repente. Ele sabia escolher as palavras. Sabia estar presente mesmo de longe. Tinha um delicioso senso de humor. Eu nunca tinha convivido com alguém tão suave. Passávamos boa parte do tempo rindo. Cantávamos juntos nas viagens de carro, assistíamos à novela. Líamos nas manhãs de sol. Coisas simples faziam do nosso dia a dia um luxo. Eu tinha aquela sensação quase de alívio de quando a gente encontra o amor de verdade.

A notícia da vinda do Francisco foi um susto delicioso. Depois, o medo de perdê-lo. Na primeira ultrassonografia, o bebê media sete milímetros, mas seu coração se fazia ouvir em alto e bom som. Um desses raros momentos em que a gente sabe direitinho o que é felicidade: aquele espaço rápido entre uma ansiedade e outra, em que tudo parece perfeito. E é.

A barriga crescia e, com ela, meu amor pelo Gui, o amor dele por mim, minha confiança no futuro, nossos planos de finalmente construir uma família. E o medo da perda ia desfocando na minha cabeça. Na virada para 2007, na praia, tínhamos feito dezenas de novos amigos; e minha maior felicidade era saber que enfim tínhamos chegado ao ano em que Francisco nasceria.

Paz no trabalho, nosso filho chegando e nosso amor, um verdadeiro descanso na loucura. Nessas horas, temos muito a perder. Era estranho. Bastava não conseguir falar com ele pelo telefone para pensar no pior. Quantas vezes ele se irritou com isso. “Tenho tanto medo de você morrer”, comentei com ele em janeiro. Ele sorriu: “Amor, eu não vou morrer nunca. Você também não”.

O dia 17 de janeiro amanheceu ensolarado como ele gostava. Comi o restinho do pote de geleia de morango que ele tinha feito para mim e fui para o trabalho. Nessa época, já trabalhávamos em agências diferentes. Antes de entrar numa reunião, enviei um e-mail que não teve resposta. Horas ligando para o trabalho, para o celular, para casa. Incrível a rapidez com que comecei a construir a notícia na minha cabeça.

Uma porta, um olho mágico, um buraco revelando o que eu tanto temia. Finalmente a porta arrombada, e eu sem coragem de entrar. “Meu amor, nosso filho”, eu me lembro de ter gritado. Um amigo me abraçava forte. Ainda bem que ele estava ali para me segurar.

Lembro de uma sensação insuportável de injustiça e de uma esperança absurda de que tudo fosse um equívoco. Nossa vida me veio à cabeça como um filme, mas um filme sobre o futuro. Um filme interrompido no auge. Aquela era a morte de tudo o que eu e ele tínhamos sonhado. Como, se o nosso filho ainda nem nasceu? Se ontem à noite ele estava comigo e tínhamos tantas certezas? Como, se ele tinha a alegria tatuada no braço?

Parecia o desfecho de uma história fantástica. A cena congelada para nos ajudar a acreditar. Por pouco não ouvi a trilha e os aplausos. Teve plateia, sim. Amigos que não paravam de chegar. Tanta gente deixando o seu choro para depois para me acudir.

Se o coração dele simplesmente parou de bater (ele provavelmente foi vítima de uma arritmia cardíaca), o coração do Francisco dentro de mim é que me manteve viva. Eu tinha medo de acordar no dia seguinte. Era tanta falta para tanto tempo pela frente. A maneira suave como tudo aconteceu a mim souou como uma grande violência.

E eu descobriria uma inesperada semelhança com minha avó materna. Alguém poderia dizer “Você é forte, já perdeu pai e mãe”. Mas é muito diferente. Ele não era de onde eu vim, era para onde eu ia.

Amigos fazendo o almoço, dormindo comigo, montando o quarto do Francisco. Irmãos, tias, primos, abraços, e-mails, vozes, mãos preciosas ao meu redor. “Não posso desistir, tenho tanta gente

querendo me ver bem”. E eu, sempre independente, aprendi a dizer “Preciso de você”.

Não por acaso, nosso filho nasceu em 21 de março de 2007, no primeiro dia do outono, e a nossa história tinha começado em 21 de dezembro, quando começa o verão no Brasil. Francisco veio determinado: parto normal, rápido e tranquilo. Tão pequeno e já tão grande, parecido com o pai, fez nascer de novo o meu amor pelo Gui. Vivi tudo com a intensidade que o momento pedia. Pari o filho e o choro. No meu momento mais triste, a alegria começava de novo. Seu sorriso me dizia que ele não tinha trazido a dor da perda. Mas eu ainda sentia necessidade de falar sobre isso.

Em julho, decidi escrever para o Francisco, e assim nasceu o meu primeiro blog (*Para Francisco*). Depois, de brincadeira, fiz um blog mais leve, mostrando todo dia a roupa que eu tinha escolhido para ir trabalhar (*Hoje vou assim*). Um fez sucesso e acabou divulgando o outro. Os leitores descobriam uma história real por trás da mulher exuberante e cheia de vida. As pessoas encontraram alegria na vida de uma mãe solo que tentava elaborar o luto do marido.

No fim de 2008, o blog *Para Francisco* se transformou no meu primeiro livro. No ano seguinte, comecei a escrever crônicas em revistas. Em 2010, ganhei uma coluna no rádio, apostei na vida de autônoma e profissionalizei a minha produção de conteúdo sobre moda e comportamento. Comecei a dar palestras pelo Brasil (em 2018, fiz um TEDx, “O lugar mais visitado do mundo”) e não parei mais. Graças às empresas que me contratam para falar sobre meus aprendizados em desenvolvimento pessoal, hoje conheço bem mais esse país enorme que é o Brasil. Em 2013, foi a vez de o blog de moda se transformar em livro, figurando na lista dos mais vendidos da revista *Veja*. A história não parou mais. Contando com este que você tem nas mãos, são oito livros até agora. Eu era publicitária, hoje sou comunicadora, no sentido amplo da palavra, com um trabalho mais abrangente e que faz todo o sentido pra mim. A experiência humana é minha matéria-prima.

Até hoje me pergunto se fui eu quem pariu o Francisco ou se foi ele quem me pariu. Verdade é que nasceu no tal Fundo do Poço

uma mulher cuja força e potencial eu desconhecia. Mas isso é assunto para os próximos capítulos.

A borboleta não
sabe que já foi
lagarta. E voa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Fundo do poço, o lugar mais visitado d..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).